

El hijo de Jimmy Lai, magnate de los medios de Hong Kong detenido, insta a los jueces extranjeros a considerar cuidadosamente si deben continuar en sus roles judiciales

El hijo de Jimmy Lai, magnate de los medios de Hong Kong detenido, ha instado a los jueces extranjeros a que consideren cuidadosamente si deben continuar en sus roles judiciales "en este lugar que encarcela a los manifestantes por la democracia".

Durante una visita a Australia, Sebastien Lai declaró que Hong Kong "tiene más de 1.800 presos políticos y estos presos políticos están allí por sus protestas por la democracia".

No culpó directamente a los jueces extranjeros por este desarrollo, pero señaló que dos jueces del Reino Unido y un juez canadiense habían decidido recientemente cesar sus roles en Hong Kong.

Cuatro jueces australianos continúan desempeñando roles judiciales en Hong Kong

Sebastien Lai describió a los jueces que eligieron dejar Hong Kong como "votando con los pies". "Al quedarse, en esencia estás diciendo que todavía hay algún semblante de Estado de derecho en este lugar que encarcela a los manifestantes por la democracia", dijo Sebastien Lai al Club Nacional de Prensa en Canberra el lunes.

"Y eso no es cierto, no es cierto en absoluto".

Muchos jueces extranjeros han luchado con sus conciencias durante los últimos años

La abogada de derechos humanos Caoilfhionn Gallagher KC declaró que muchos jueces extranjeros han "luchado con sus conciencias durante los últimos años".

"Entiendo totalmente que muchos de ellos han llegado a la conclusión de que pueden mejorar las cosas estando allí", dijo Gallagher.

"También estoy consciente de la otra opinión, de que al estar presente da una apariencia de debido proceso a un sistema que se ha vuelto profundamente injusto".

"Respeto y comprendo plenamente que los que permanecen pueden estar haciéndolo por buenas razones, incluso si mi opinión es que es una razón equivocada", dijo.

El lunes marca el 27º aniversario de la devolución de la antigua colonia británica a China.

Quatro países acusam Talibã de "violações graves e sistemáticas" de direitos das mulheres no Afeganistão

Quatro países acusaram o Talibã de "violações graves e sistemáticas" do tratado das Nações Unidas sobre os direitos das mulheres no Afeganistão, afirmando que levariam o grupo ao tribunal internacional mais alto do mundo devido às suas restrições severas e amplamente criticadas sobre as mulheres.

Esse plano foi descrito pelos ministros das relações exteriores da Alemanha, Austrália, Canadá e

Países Baixos nas Nações Unidas **roleta da sorte** Nova Iorque, onde a Assembleia Geral estava se reunindo na quarta-feira. Os ministros disseram que pretendem levar o Talibã ao Tribunal Internacional de Justiça, o mais alto tribunal das Nações Unidas.

O tratado, considerado uma carta internacional de direitos das mulheres, foi assinado **roleta da sorte** 1979 e inclui a maioria dos países do mundo, incluindo o Afeganistão, que se juntou **roleta da sorte** 2003. (Os Estados Unidos são um dos poucos países que não ratificaram).

Desde que retornou ao poder **roleta da sorte** 2024, o Talibã tem sistematicamente revogado muitos dos direitos que as mulheres conquistaram durante a ocupação de 20 anos dos EUA. No mês passado, o Talibã lançou um manifesto de 114 páginas codificando suas restrições às mulheres, que incluem proibi-las de escolas secundárias ou universidades, trabalhar para organizações de ajuda e viajar qualquer distância significativa sem um parente do sexo masculino. Os monitores de direitos humanos dizem que o Afeganistão é o país mais restritivo do mundo para as mulheres e o único país **roleta da sorte** que as meninas são proibidas de educação além do sexto ano.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: roleta da sorte

Palavras-chave: **roleta da sorte - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-10-10